A CULTURA E A ESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA DO MENINO E DA MENINA EM SÃO PAULO¹

| TERESA ROCHA LEITE HAUDENSCHILD²

RESUMO

A autora procura retrair, por conjeturas imaginativas, como se daria a estruturação psíquica das crianças e adolescentes nos 450 anos da história de São Paulo, nas diversas épocas: do bandeirismo, da vila do ciclo do ouro, das fazendas de açúcar e café, da vila sob a Coroa Portuguesa e depois liberta, da cidade modernista até os tempos atuais.

Constata que o ideal narcisista de poder, que impera desde o *pater familias* bandeirante até os anos 1970 (quando é enfraquecido pela ascensão da mulher no mercado de trabalho), é substituído pelo ideal narcisista de comprar a felicidade adquirindo bens de consumo.

Palavras-chave: estruturação psíquica, continência, *reverie*, narcisismo, ego ideal

ABSTRACT

The author seeks to retrace, through imaginative conjectures, the psychic structure of children and teenagers in the 450 years of history in Sao Paulo, in different eras: the bandeirantism, the village of cycle of gold, sugar and coffee farms, the village under Portuguese rule and, once free, the modernist city up to current times. For the author, the narcissistic ideal of power, which reigns since the bandeirante *pater familias* until the year of 1970 (when the ascent of women to work market weakens it), it is substituted by the narcissistic ideal of happiness acquiring consumer goods.

Keywords: Psychic structure, continence, *reverie*, narcissism, the ego ideal.

1 Apresentado na Jornada do COWAP na APdeBA, 2003, Buenos Aires.

2 Analista didata e analista de crianças e adolescentes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, SBPSP.

INTRODUÇÃO

Se, como propõe Stoller (1968), a cultura atribui características e funções particulares conforme o sexo das crianças, que atributos a cultura paulista concedeu aos meninos e meninas ao longo desses 450 anos?

Antes de percorrer diacronicamente a história dessa cultura desde suas raízes, lembremos que a história humana é marcada pela atribuição de poder ao homem e submissão à mulher. Com raríssimas exceções, mas mesmo nestas, impera o falocentrismo: a mulher poderosa.

Freud (1924/1965) não escapou à regra, propondo o primado do falo, embora admitisse seu não saber sobre o enigma do feminino, nomeando-o *continente negro*. Bion (1991/1962) aproxima essa capacidade de tolerar o *não saber*, o desconhecido, à disponibilidade da mãe de receber e acolher as confusas projeções do bebê, propor um sentido emocional a elas e devolvê-las à criança que, por sua vez, conta cada vez mais com esse objeto psíquico para um diálogo vivo, nunca completado. É uma disponibilidade receptiva, mas não passiva, chamada por Bion de *continência* exercida pela capacidade de *reverie* materna, a capacidade de “sonhar o sonho” de seu bebê, de compreender o que ele lhe comunica por suas projeções de angústias e desejos singulares.

Para Bion, a *continência* seria uma capacidade feminina, designada pelo símbolo ♀. Ele designa, pelo símbolo ♂, o investimento que penetra o *continente*, chamando-o de *contido*. O que busca continência é o novo, o desconhecido, o “pensamento” a ser pensado. Há como uma cópula profícua entre *contido* e *continente*, em que este funciona como um útero psíquico que abriga o que resultou do encontro do espermatozoide com o óvulo: contribuições singulares dos elementos da parceria.

O feminino seria a capacidade de receber, de se deixar penetrar pelo estranho, o desconhecido do outro; o masculino, a capacidade de penetrar numa cópula pensante com um parceiro, confiante numa cooperação profícua. Nesse sentido, a bissexualidade psíquica seria a meta a ser alcançada por todos os seres humanos. Sua aquisição passaria então pela elaboração de ansiedades persecutórias de invasão e aprisionamento, tanto mais patológicas quanto mais narcísicas e

desejosas de poder e controle, projetados no *contido* ou no *continente*. Aqui, Bion indica um novo passo: do *narcisismo* para o *socialismo*, do individual para o coletivo.

Como a nossa cultura, desde sua fundação até hoje, tem dado conta de possibilitar às crianças uma saudável estruturação de sua bissexualidade psíquica? Como acolhe o novo e dá prosseguimento a esse diálogo sem fim que é a relação viva entre seres humanos para que seja criativo e enriquecedor? Vejamos.

SÃO PAULO DE 1554 A 1800

AS BANDEIRAS E O NOMADISMO

São Paulo foi fundada em 1554 pelos padres jesuítas José de Anchieta e Manuel da Nóbrega, a partir de uma aldeia Tupiniquim. Nela conviviam crianças e adultos, em sua maioria índios, pois além dos padres só havia homens portugueses, degredados por questões políticas e religiosas, que se amasiavam com índias e, às vezes, uma delas era escolhida como esposa. Os descendentes mamelucos e uma forte cultura indígena foram vitais para a sobrevivência dos portugueses, o que abriu as portas para o sertanismo, marcado pelo nomadismo, conquistas e precariedade da vida sedentária.

A esposa regia a casa, administrava os escravos índios, a economia de subsistência e a educação dos filhos, pois os homens (bandeirantes) viajavam por anos em busca de minerais preciosos e da captura de índios, alargando as fronteiras para Portugal. A mulher era de fato livre para decidir sobretudo quanto à família, mas de direito devia submissão ao marido, a quem tinha que prestar contas de todos os seus atos. O bandeirante tinha pátrio poder sobre a esposa, mocambas, filhos e bastardos: podia até matar. Com uma mãe tão ocupada, a educação das crianças em casa era relegada aos escravos índios. As meninas acompanhavam as mulheres nas tarefas da casa, colheita, preparação de alimentos, teciam panos para roupas e redes, faziam panelas de barro e cestos. Os meninos acompanhavam os homens na pesca, caça, plantio e confecção de utensílios para essas atividades e para a luta quando atacados por índios inimigos. As crianças participavam desde cedo da vida comunitária com os adultos. A língua falada em casa era o tupi. Em 1694, o padre Antonio Vieira relata que “a língua que nas ditas famílias (paulistas) se fala

é a dos índios, e a portuguesa vão os meninos aprender à escola” (Vieira, 1856-1857, p. 349). Se a língua oficial e escrita era a da Coroa, a língua falada era o *nheengatu*: mistura de tupi e português.

Por volta dos 14 anos os meninos acompanhavam os pais nas expedições e as meninas ficavam em casa para defendê-la de ataques de índios inimigos, lutavam ao lado da mãe e dos escravos.

AS MONÇÕES E A VILA

Em 1650 começou a declinar o apresamento de índios devido à dominação espanhola e ao poder dos jesuítas que defendiam os índios de suas aldeias. A bandeira cedeu lugar à monção, que era um comboio de canoas particulares e da Coroa que saía anualmente na época das cheias de Porto Feliz, em direção a Cuiabá onde, em 1718, foi descoberto ouro em profusão nas barrancas do rio Coxiponé-Mirim.

Desde 1694, com a descoberta das minas de ouro em Minas Gerais, os arraiais começaram a se estabelecer (Mariana, Vila Rica, Sabará) com poderes políticos, religiosos e judiciários, surgindo um novo tipo de organização social.

A migração dos paulistas em direção a Minas Gerais e Mato Grosso é tal que a vila de São Paulo fica despojada de quase toda população trabalhadora capacitada: ferreiros, carpinteiros, alfaiates partem em direção aos arraiais fundados pelos paulistas, assim como suas famílias. Os arraiais do ciclo do ouro, portanto, vão unir as famílias: mãe, filhos e escravos partem com o pai para morar em arraiais, fundando-os. O pai já não vivia por anos separado dos filhos como no tempo das bandeiras. Numa grande família de vários irmãos, algumas famílias partiam e outras ficavam tomando conta das propriedades agrícolas.

ESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA DAS CRIANÇAS NA PAULISTÂNIA DE 1554 A 1800

Paulistânia é o espaço vital dos antigos paulistas. Os bandeirantes paulistanizaram grande parte do Brasil: Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, onde há unidade de linguagem popular e dialetal (o dialeto dos bandeirantes), assim como Amazonas, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Os elementos comuns entre os bandeirantes e os fundadores dos arraiais do ciclo do ouro eram coragem e indiferença a ameaças e perigos. Mas os que moravam nos arraiais, além dos freios das tiranias legais e judiciárias, tinham que obedecer a imposições caprichosas dos governantes, ditadas por normas sociais e políticas. A lavoura e a pecuária foram proibidas nos centros de extração do ouro e as famílias tiveram que recorrer à caça, à pesca e à coleta, formas primitivas de subsistência onde foi útil a extensa convivência e miscigenação com os índios. Como a população local estava morrendo de fome, essa ordem foi revogada e a Coroa passou a exigir o estabelecimento de fazendas no entorno das minas.

É interessante que o rio Anhembi, hoje Tietê, é o caminho para dentro. Assim como para os portugueses o Tejo é o caminho para o mundo afora, para as novas terras, o Tietê, que nasce na beira do mar e adentra as terras do continente, é o caminho para o mistério. Que fantasias acompanhariam os bandeirantes e seus sucessores, os buscadores de ouro?

A fantasia do Eldorado é comum a ambos. Os bandeirantes buscavam minérios preciosos e se contentaram com o apresamento de índios, ótima solução econômica devido à grande requisição de escravos para o ciclo do açúcar no Nordeste e em São Vicente. Como essa fantasia pode ter influenciado a estruturação psíquica de meninos e meninas no campo da cultura paulistana nesse período?

O nascimento de um menino significava a esperança de mais um desbravador com sucesso. Às meninas, quando adultas, caberia esperar por seus esposos bandeirantes, manter sua família (muitas vezes as amásias e seus filhos) e propriedades, defendendo-as dos ataques dos índios inimigos.

No ciclo do ouro, quando a mulher e os filhos permaneciam ao lado do marido, a esperança de enriquecimento repentino perdurava como horizonte constante da vida familiar. O menino trazia a esperança *messiânica* da riqueza familiar (Bion, 1961). À mulher, caberia acompanhar o marido na riqueza ou na pobreza, até a morte.

CONSTITUIÇÃO DA ESTRUTURA PSÍQUICA DO BEBÊ E DA CRIANÇA

Um bebê nascido na vila de São Paulo pode contar com a capacidade de *reverie* da mãe para contê-lo psiquicamente, pois ela está em sua própria casa, conta com sua agricultura de subsistência e com a ajuda de seu entorno: avó, escravos índios, padres. Já um bebê nascido no período inicial do Ciclo do Ouro, num arraial recém-fundado, embora pudesse contar com a presença do pai, poderia não contar com a disponibilidade psíquica de sua mãe, distante de seus parentes, participe de uma aventura incerta ao lado do marido, numa terra estranha.

Quando mais crescidos, as meninas e meninos de São Paulo teriam afazeres separados, embora crescessem juntos; enquanto as crianças dos centros auríferos estariam mais submetidos à jurisdição do governo, inclusive quanto à vida escolar.

As crianças que ficavam em São Paulo, em fazendas coloniais com suas famílias, que muitas vezes abasteciam seus parentes das famílias mineradoras, contavam com mãe e pai na própria terra, mas não tinham contato com outras famílias, embora convivessem extensamente com escravos índios e suas crianças, recebendo com elas educação de professores particulares, padres em sua maioria.

SÃO PAULO DE 1800 A 1920

INÍCIOS DE 1800

John Mawe, viajante inglês, conta que no ano de 1808 em São Paulo, logo após a transferência da Corte portuguesa ao Brasil com a vinda de D. João VI, as crianças mais abastadas conviviam familiarmente com os escravos e eram muito espontâneas: puxavam a barba do hóspede estrangeiro, contavam seus dedos e o cercavam com curiosidade e alegria.

A cozinha, até nas casas mais elegantes, consistia num galpão com pedras roliças no centro que sustentavam painéis de barro, à maneira indígena. Era o espaço de convivência por excelência entre crianças e escravos. Nela se comia e se ouvia histórias em torno do fogo.

As meninas se casavam a partir dos 12 anos, geralmente com alguém escolhido pelos pais. Os meninos aos 14 anos já eram considerados aptos para a carreira militar, opção predominante dos paulistanos. A rua era o espaço do homem e o interior da casa, o da mulher.

OS PAULISTAS E A COROA PORTUGUESA: SUBMISSÃO E LIBERTAÇÃO

Beyer, sueco que visitou o Brasil e São Paulo em 1813, distinguiu o paulista por sua disciplina como cavaleiro e adestrador: parece de uma outra raça, semelhante os suíços. Talvez por essa característica, aliada à capacidade de suportar as maiores agruras, 1.300 homens foram requisitados pelo Rei para compor o Batalhão dos Caçadores da Corte, no Rio de Janeiro. O 3o Regimento da Cavalaria do Rio Grande do Sul também foi composto por paulistas, requisitados por D. João VI entre os 12 mil paulistas que foram para as guerras do Sul entre 1809 e 1824. Assim, devido ao recrutamento compulsório³, 16 mil paulistas fugiram para Minas Gerais, como desertores. A cidade ficou despovoada de homens adultos. As mulheres ficaram cuidando das propriedades e escravos para prestar contas aos maridos quando voltassem, como suas antecessoras há mais de 200 anos.

Em 1821 os irmãos Andrada, entre eles José Bonifácio, tutor do Príncipe Regente Dom Pedro, tornaram cidadãos os índios e negros de São Paulo. Nesse mesmo ano as províncias de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul propuseram a dissidência da Coroa Portuguesa, o que se efetivou em 1822, em São Paulo, com a declaração da Independência Brasileira pelo Príncipe Regente, nomeado Pedro I, Imperador do Brasil.

Na cidade, com a fundação da Faculdade de Direito em 1827, além da carreira militar e religiosa para os homens, havia a opção de bacharel em direito. As mulheres tinham que ficar em casa ou no convento; só tiveram acesso à escola pública após a declaração da independência, em 1822, e frequentaram a universidade quase um século depois.

³ Em 1808, os paulistas adultos, senhores e escravos, que assistiam à missa de Corpus Christi no Pátio do Colégio, local da fundação da cidade, foram encurralados pelas tropas do Rei, algemados e obrigados a se alistar.

O CAFÉ E OS IMIGRANTES

Se até meados de 1700 a capitania vivia de lavouras de subsistência, em 1820 predominavam as grandes fazendas agrícolas, na sua maioria de cana de açúcar consumida pelo mercado interno, cujos proprietários tinham feito fortuna fora com as minas. O comércio exterior era feito por Paraty e depois pelo Rio de Janeiro.

Em São Paulo, o açúcar como monocultura prevaleceu em São Vicente e depois em São Sebastião, São Carlos e Campinas, mas aos poucos o café o ultrapassou. Desde 1850 muitas usinas foram transformadas em fazendas de café. A partir de 1856, os ingleses começaram a construir as primeiras estradas de ferro tornando viável a exportação do café de fazendas do interior do Estado. Os escravos negros predominavam sobre os índios e a mão de obra europeia foi requisitada, com os imigrantes.

De início vieram os ilhéus portugueses em 1820, depois os alemães em 1828, os italianos em 1890, os japoneses em 1908, os judeus em 1910 e, nos anos 1920, espanhóis, lituanos, búlgaros e árabes. Os casamentos intraétnicos predominavam entre os japoneses e judeus. Estes últimos, assim como os árabes, eram comerciantes. Todos os outros vieram preencher as necessidades da agricultura cafeeira.

Novas línguas, comidas e religiões se mesclam, embora os imigrantes constituam bairros étnicos espalhados pela cidade: os japoneses na Liberdade, os judeus no Bom Retiro, os árabes no Paraíso e os italianos no Bexiga até imprimem um diário em sua língua materna chamado *Fanfulla*. Mas se os pais falam entre si na sua língua de origem, as crianças a consideram a língua secreta dos pais e falam português.

As virtudes da mulher eram definidas pela família: filha, esposa, mãe, amiga dos parentes, mas no Código Civil de 1916 a mulher começa a ter a mesma responsabilidade que o marido na manutenção da família, embora lhe deva submissão e só possa trabalhar com a autorização dele ou do juiz. É assim que muitas donas de casa, além do serviço doméstico, ajudavam a prover a família trabalhando como domésticas ou nas ruas, vendendo comida. As crianças ajudavam tanto as mães quanto os pais.

O TRABALHO INFANTIL E MENINOS NA GUERRA

Se desde a colônia as crianças pobres trabalhavam, e muito, com a extinção da escravatura foram recrutadas para trabalhar na agricultura e nas indústrias. Trabalhavam muitas vezes até 12 horas por dia, em condições insalubres. Nas quatro tecelagens existentes em São Paulo em 1894, 25% dos operários eram crianças. Em 1907 elas participaram da greve em defesa das 8 horas de trabalho diário (Rizzini, 2015). Em 1912 a taxa de 25% de trabalhadores infantis permanecia, sendo 62% mulheres. Em 1919, nas 194 indústrias da cidade, 25% dos trabalhadores eram menores de 18 anos.

Ao longo da Época Moderna crianças pobres, órfãs e enjeitadas, principalmente as de comunidades de pescadores, foram recrutadas [pela Marinha] quase sempre sem nenhuma preparação ou treinamento prévio, a maioria em comunidades de pescadores. A rude vida do mar era sua escola, sua família, seu destino. (Venâncio, 2015, p. 195)

ESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA DA CRIANÇA DE 1800 A 1920

Além da mãe-preta e dos irmãos-pretos índios e negros, há a mamma-italiana e os irmãos-imigrantes, a miscigenação se amplia e a criança agora tem um leque maior de figuras identificatórias. Penso que isso deve ter enriquecido a possibilidade do desvelar da personalidade singular de cada criança.

Se na fazenda o contato entre crianças de várias origens étnicas era direto, nas cidades se dava principalmente nas escolas. Foi assim que crianças de várias culturas e tradições cresceram juntas, fizeram amizades, e mais tarde namoraram, casaram.

A SÃO PAULO DA MODERNIDADE: DE 1920 ATÉ HOJE

Em 1808 os ingleses chegaram no Brasil como comerciantes. Em 1867 inauguraram a estrada de ferro São Paulo Railway. Introduziram o futebol e, em 1894, o paulista Charles Miller trouxe a primeira bola. Era um esporte de elite e apenas em 1920 os negros foram admitidos como jogadores

Após a atmosfera tensa da Primeira Guerra Mundial, nada como a descontração

do Carnaval, comemorado por homens e mulheres de todas as classes, com blocos e desfiles de rua. A febre esportiva foi disseminada por anúncios que também preconizavam a saúde e a higiene feminina e masculina.

A Semana de Arte Moderna, em 1922, marcou a participação feminina e masculina, assim como revelou a cultura paulista resultante da miscigenação fértil de várias etnias. Exemplo disso foi a amizade entre a pintora Anita Malfatti e o escritor Mario de Andrade, assim como os contos de Antônio de Alcântara Machado que retratavam o dia a dia de adultos e crianças italianas (Gaetaninho).

Com a quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, muitos fazendeiros de café também quebraram e foi a vez da ascensão dos imigrantes.

Em 1932, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul fizeram a Revolução Constitucionalista contra o governo federal, e foram vencidos.

O clichê do par amoroso, difundido pelo cinema mudo, era perpetuado pelos musicais hollywoodianos dos anos 1930 a 1950.

Nas novelas de TV, matriz modernizante de representação da realidade, surgiram, a partir dos anos 1950, os mitos de ascensão social pelo casamento, mitos de inclusão social, caros às classes desfavorecidas. Esses mitos conviveram com a rejeição do modelo do casal tradicional e o mito do amor livre que chegou com as ideias existencialistas do pós-guerra europeu, acessíveis à classe alta.

Nos anos 1960 as mulheres usam biquínis, minissaias e vestem roupas masculinas. Os homens usam bolsas como as mulheres. As roupas das crianças são mais simples, os velhos e jovens usam roupas semelhantes.

Entre 1950 e 1980 impera o otimismo, com um padrão econômico de produção e consumo muito desenvolvido. Abrem-se os grandes shoppings. Mas a desigualdade social é imensa, pois desde a industrialização da agricultura há movimentos migratórios do campo para as grandes cidades ou para regiões despovoadas.

Nas cidades, os vencedores na luta selvagem por novas posições eram os descendentes dos imigrantes estrangeiros, como profissionais liberais e empresários. O migrante rural prestava serviços como ascensorista, porteiro, pedreiro e as mulheres como cabeleireiras, domésticas e algumas como enfermeiras, trabalho qualificado para poucas. Os negros faziam os trabalhos mais pesados.

Nos anos 1980 e 1990, com o aumento do desemprego e da violência, a maioria das famílias paulistas se viu sitiada pela vida competitiva, mobilidade social descendente, falsa perspectiva de futuro e falsos valores nascidos do mercado de consumo.

ESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA DA MENINA E DO MENINO EM SÃO PAULO HOJE

Embora haja consideráveis diferenças de oportunidades entre as altas classes sociais; classe alta e média alta (magnatas, empresários, profissionais e donos de pequenas empresas), e as baixas (classe média baixa e classe baixa: trabalhadores manuais e comuns), existem importantes fatores comuns quanto às oportunidades de estruturação psíquica mais ou menos saudável.

Desde 1945 a escola e a universidade estimularam a capacidade de julgamento independente que foi vetado e punido em 1964, com a revolução militar. A TV passou a ser a forma eficaz de garantir duradouramente a dominação dos privilegiados. O homem passou a valer pelo que consome, um valor utilitário nascido do mercado de consumo.

Nos anos 1970 a mulher conquista cada vez mais posições no mercado de trabalho competitivo junto aos homens, enfraquecendo o poder do *pater familias*. Na família, o autoritarismo paterno é substituído pela meta de prover os filhos de felicidade, havendo um alto grau de identificação narcísica com os filhos (Freire Costa, 1988).

O consumo da droga se instala, principalmente nas classes mais altas e mais baixas da pirâmide social, como decorrência da valorização do prazer e da falta de horizontes autênticos para a vida humana.

NESTE CENÁRIO, COMO PODEMOS PENSAR OS INÍCIOS DA ESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA DO BEBÊ?

Se para Bion é essencial uma mãe-pensante com capacidade de reverie para processar as confusas projeções do bebê, para que ele se aproprie de seu psiquismo (uma mãe pós-edípica que ame o pai e o filho como seres humanos diferentes dela), como poderíamos pensar a mãe contemporânea, situada nesse contexto social que convida a viver sob o regime do prazer?

Pensemos em algumas dificuldades que podem se colocar para o bebê, a partir do social.

Na clínica deparamo-nos com mães que se casam por conveniência (para aumentar o poder de consumo), pais que se casam com mulheres jovens e bonitas (valorizadas como bens de consumo) e crianças que, para se apresentarem, trazem na primeira entrevista brinquedos e objetos de alto valor.

Se Bion chama a atenção, na constituição anômala do psiquismo, para o *splitting* entre animado e inanimado (1962a, b), entre psiquê (anima, alma) e mecânico, como poderia uma mãe formatada pela supervalorização do inanimado, distinguir entre vida e morte, entre paralisia e prosseguimento da estruturação psíquica, entre K e -K?

Muitas vezes a escola é agência discriminadora de patologias psíquicas. É raro que as mães percebam anomalias em seus filhos, descobertas apenas quando vão para a escola, e, ainda assim, os levam com relutância para avaliação psicológica.

Se nas classes altas as crianças contavam com outras “mães”: a mãe-índia, depois a mãe-preta, hoje contam com a mãe-babá, que casualmente pode ser uma mãe adequada, disponível para investir e ser investida psiquicamente pela criança. Entretanto, muitas vezes as mães deixam seus próprios filhos nas mãos dos irmãos maiores ou vizinhos, para provê-los materialmente.

Outro fator da modernidade são as creches, que aceitam bebês desde os 3 meses, para que a empregada doméstica ou a executiva possam trabalhar. O bebê fica

exposto a vários cuidadores primários, prejudicando a internalização da constância do objeto, tão importante na estruturação inicial do sujeito.

COMO PODERÍAMOS PENSAR A ESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA NA LATÊNCIA?

Supondo-se que a criança tenha conseguido superar as dificuldades do ambiente e tenha chegado à latência com uma boa capacidade de simbolizar, cabe ainda à família ser continente das ansiedades e desejos da criança, assim como ter capacidade para dar o “não” socializador, uma vez que sem isso a criança poderia somatizar, atuar e até alucinar, por faltar a elaboração psíquica adequada. Novamente a TV aparece aqui como motivação alienante, propiciando a erotização precoce, às vezes sem o juízo crítico dos pais e dos educadores, que admiram as performances das crianças ao realizar a dança da garrafa ou a lambada. Como poderiam essas crianças ultrapassar formas primitivas de sexualidade, além de tudo imitativas, e ir ao encontro do objeto amoroso na adolescência sem repetir essas formas imitativas sociais de namoro descompromissado como o “ficar com”?

Se pensarmos a latência como o período da formação de uma simbolização própria e rica, como a criança lidaria com seus próprios impulsos diante desse afluxo de modelos televisivos (até mundiais) e da dificuldade dos pais em estabelecer limites? Freud (1905/1972) diz que se a excitação ultrapassa o nível de tolerância psíquica, o aparelho psíquico pode se desorganizar, não havendo metabolização da energia psíquica, dando-se uma ruptura do pensável.

A principal tarefa da latência – apropriar-se ricamente do mundo psíquico – torna-se quase impossível, sua consecução fica, principalmente, nas mãos da colaboração de adultos mais amadurecidos psiquicamente da família e dos setores educacionais.

A ADOLESCÊNCIA: O ADEUS À INFÂNCIA E A PARTIDA PARA O MUNDO ADULTO
Aqui, como salienta Blos (1979), há a retomada do Édipo negativo. O menino precisa retornar ao pai diádico, pré-edípico e protetor, para, fortalecido pelo amor do pai, enfrentar as tarefas edípicas ambivalentes da rivalidade com o pai. A menina precisa se assegurar do amor da mãe para rivalizar com ela e individualizar-se.

É assim que no início da adolescência há uma relação isogenérica predominante: o amiguinho ou a amiguinha preferidos, com os quais o adolescente troca as confidências mais íntimas, unha e carne, como um dia o fora com seu pai ou mãe diádicos. São como que transparentes um ao outro, como numa simbiose, ficam horas ao telefone, não têm noção de limites, repetindo esse tipo de relação nos primeiros namoros.

Na adolescência nuclear aparecem as gangues: turmas de jovens liderados por um chefe, que muitas vezes exerce poder exagerado.

Só no final da adolescência o jovem sai dessa imersão vivida na díade, depois na gangue, individuando-se, achando formas próprias de pensar e agir.

COMO ESSES TRÊS MOVIMENTOS NA ESTRUTURAÇÃO DO ADOLESCENTE SE DARIAM ATUALMENTE?

Na puberdade o menino precisa muito da companhia masculina e são raros os pais disponíveis em seu tempo livre, a acompanhar o filho, a admirar suas performances no *skate*, na bicicleta, no futebol, na declamação, mostrando que se orgulham deles. O mais comum é a indiferença ou o olhar crítico, preocupado em formatar o filho para assegurar-lhe lugar na sociedade de consumo, como o olhar do pai no filme *Sociedade dos poetas mortos* (Weier, 1989).

A menina pode até dispor mais da mãe, que a acompanha ao shopping e ao cabeleireiro. As conversas íntimas são substituídas pela catequização sobre as performances da mulher moderna: usufruir dos bens de consumo embelezantes e conquistar performances intelectuais para assegurar um lugar como esposa e como profissional. A personalidade singular da menina é achatada pelos valores sociais consumistas.

Se o “ideal de ego adulto é o herdeiro do complexo de Édipo negativo” (Blos, 1993/1998, p. 62), este é substituído por um ego ideal massacrante que sufoca o ego e a autenticidade do jovem. Em vez de uma instância que cuida do ego singular (ideal de ego), há, intrapsiquicamente, a instalação de um padrão social crítico interiorizado, um objeto idealizado pelos pais (ego ideal) e imposto aos

filhos, a partir de um desejo de um lugar ao sol nesta sombria sociedade.

Na adolescência nuclear o jovem pode contar, além da gangue, com *grupos de trabalho* (Bion, 1961) e, às vezes, alterna entre ambos. É da predominância destes últimos, possibilitados por pais preocupados e educadores-facilitadores, que depende a estruturação psíquica saudável desses jovens. É comum, nessa idade, os pais enviarem os filhos para análise ao perceber que não estão preparados para dar continência a angústias inomináveis, às vezes anônimas, desde a infância. Há então como o refazer de um percurso nunca feito, através de uma relação ímpar num campo ímpar. Mas poucos adolescentes têm esse privilégio.

No final da adolescência, onde se espera que a singularidade se firme, a *segunda individuação* (Blos, 1979), e o jovem possa ingressar na vida adulta com confiança em seus próprios passos, como os ideais alienantes atuais podem influenciar? Mesmo nesse momento, os valores dos pais podem contribuir ou não para a libertação dos filhos. Se nas escolhas dos pais a formatação social prevalece, será difícil para os filhos escaparem desse ego ideal narcísico que, então, poderá predominar intrapsiquicamente.

CONCLUSÃO

Se pensarmos em termos de uma dominação intrapsíquica de um ego ideal na mente dos paulistas diacronicamente, poderíamos supor que ele poderia estar representado externamente desde o início (1554) pelo *pater familias* bandeirante, que tinha o direito de vida e de morte sobre a mulher, filhos e escravos, depois pelos donos das minas e coronéis das fazendas de açúcar e de café, com praticamente os mesmos direitos.

Esses direitos só foram desafiados pelos imigrantes (italianos, árabes e japoneses, assim como em menor número pelos alemães, búlgaros e lituanos), mas com armas semelhantes, baseadas no patriarcalismo. Essa tendência permanece até hoje, embora a mulher tenha entrado fortemente no mercado de trabalho dos anos 1970 para cá, nas classes baixas a maioria dos lares são sustentados por elas. Os maridos, embora enfraquecidos, são os chefes da casa, como na São Paulo colonial. Os homens ainda lutam para manter o poder sobre as mulheres nas mais

diversas instituições. É muito difícil que um patriarcalismo cultivado praticamente desde o início da história humana, ceda lugar a direitos democráticos, respeitando a singularidade de cada ser humano, independente do sexo.

No meu entender, enquanto a luta pelo poder e falocentrismo imperar (patriarcalistas e feministas exacerbadas), o ego ideal e a violência, interna e externa predominarão intrapsiquicamente.

Se, alternativamente, o ideal de ego puder vigorar nas relações amorosas e uma firme identificação com a função de cada sexo puder se desenrolar, então poderá haver liberdade e singularização, não em prol de um ego idealizado, mas de um trabalho comum de apropriação de sentido do que é a vida humana neste planeta. Senão, continuaremos a contribuir com toda essa violência e morte em que se consomem povos ricos e pobres da Terra, encerrados em suas conchas autísticas nacionalistas, lutando por mercados de consumo, presos num tempo circular, eterno, narcísico, sem fim...

REFERÊNCIAS

- Bion, W. (1961). *Experiences in groups and other papers*. London: Tavistock.
- Bion, W. (1991). Uma teoria do pensar. In E. Spillius (Org.), *Melanie Klein Hoje* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962)
- Blos, P. (1979). *The Adolescent Passage*. New York: IUP.
- Blos, P. (1998). Filho e pai. In D. Breen (Org.), *O enigma dos sexos: perspectivas psicanalíticas contemporâneas da feminilidade e da masculinidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1993)
- Costa, J. F. (1988). Narcisismo em tempos sombrios In J. Birman (Org.), *Recursos na história da psicanálise*. Rio de Janeiro: Taurus.
- Fresnot, A (2002). *Desmundo*. Culver City, CA: Columbia Pictures. (Filmado em Ubatuba, SP)
- Freud, S. (1972). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 123-250). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1965). *The letters of Sigmund Freud and Karl Abraham: 1907-1926*. New York: Basic Books. (Trabalho original publicado em 1924)

- Hollanda, S. B. (1962). As províncias do Sul. In S. B. Hollanda, *O Brasil monárquico*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- Franco, A. M. (1946). A sociedade bandeirante das minas. In A. Taunay (Org.), *Curso de bandeirologia*. São Paulo: Departamento Estadual de Informações.
- Novais, F. (1997). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras.
- Queiroz, D.(2000). *A muralha*. Rio de Janeiro: Record.
- Stoller, R. (1968). *Sex and Gender*. New York: Science House.
- Taunay, A. E. (1946). Pequena história do café. In A. Taunay (Org.), *Curso de Bandeirologia*. São Paulo: Departamento Estadual de Informações.
- Vieira, A. (1856-1857). *Obras várias do Padre Antonio Vieira*. Lisboa: JMC Seabra & TQ Antunes.
- Weir, P. (1989). *Sociedade dos poetas mortos*. Burbank, CA: Touchstone Pictures.